



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Edição Especial Temática: Universidades: desafios e perspectivas na contemporaneidade

Sinop, v. 7, n. 1 (18. ed.), p. 168-176, jan./maio 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

SEÇÃO ENTREVISTA

AMÉRICA LATINA:

capital dependente e a gênese das universidades periféricas

GAUDÊNCIO FRIGOTTO

Graduado e Bacharel em Filosofia pela hoje UNIJUI (RS) (1971), graduação em Pedagogia pela UNIJUI (1973), mestrado em Administração de Sistemas Educacionais pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (1977) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983). Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor Titular em Economia Política da Educação e pesquisador Al - Sênior do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica (CNPq).

Foi membro dos Comitês científicos da área de educação no CNPq, CAPES e FAPERJ, onde continua como consultor ad hoc. É coordenador do Grupo CNPQ - Trabalho, História, Educação e Saúde (THESE) e tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação e trabalho, educação básica e educação técnica e profissional na perspectiva da politécnica, educação e a especificidade das relações de classe do capitalismo no Brasil.

Agradecemos pela gentileza e disponibilidade do referido docente, que atendeu prontamente o pedido dos professores José de Souza Neto e Marion Machado Cunha e cedeu esta entrevista em 12 de dezembro de 2015, na cidade do Rio de Janeiro.

Mesmo diante de toda violência material e espiritual sofrida por Gramsci, ele inspirou a lidar com o rigor da teoria e da prática na luta hegemônica dos séculos XX e XXI. E nos convocou a entender os papéis hegemônicos que se constituem na e pela sociedade civil da qual as instituições escolares, inclusive as universidades, tem composição e é composta. Temos de estabelecer os nexos vitais para uma nova consciência. Por isso, cabe um momento do próprio pensador Gramsci para

emprestar sentido ao que estamos nos referindo para o leitor desta apresentação: “Se os homens adquirem consciência de sua posição social e de seus objetivos no terreno da superestrutura, isto significa que entre a estrutura e a superestrutura existe um nexo necessário e vital” (GRAMSCI, 2004, p. 389. v.1)¹.

E, na direção dessa compreensão e posição que assumimos, ainda cabe sublinhar a participação especial dos autores deste número. A responsabilidade de permitir ao leitor enriquecer esta consciência e de nossas ações no seio da sociedade e que sociedade se luta e como as universidades são desafiadas na contemporaneidade. Na verdade, como campo de lutas hegemônicas e contradições que constituem a sociedade de classe e por essa são constituídas.

Disso o destaque a participação do amigo e companheiro Gaudêncio Frigotto, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Não é apenas um intelectual, mas uma pessoa de luta e coerência prática e teórica. Tivemos o prazer único de conhecê-lo pessoalmente em 2011 no Encontro Anual de Educação (ENAED) promovido pelo Campus de Sinop, UNEMAT. E, com certeza, os diálogos com Frigotto são ímpares e riquíssimos quanto às tarefas históricas que a realidade nos apresenta e nos convoca para apreendê-la como trabalhadores e intelectuais da educação. Em suas falas, o professor Frigotto insiste em nossa tarefa de apreender a “unidade do diverso”, como caminho fundante para nossa prática de classe social.

José de Souza Neto

1 – José de Souza Neto: Desde a década de 1950 na América Latina recai sobre as Universidades o papel de produzir ciência e tecnologia, que contribua com desenvolvimento capitalista dos países latinos. Em que medida a produção científica e tecnológica serviu ao propósito desse objetivo e que contradições foram geradas, considerando os processos históricos e sociais da América Latina?

Gaudêncio Frigotto: Por certo a Universidade, com diferenças históricas do passado e do presente, tem tido um papel importante nos processos de desenvolvimento em toda a América Latina. Contudo esse papel foi sempre constrangido pela herança da colonização espanhola e portuguesa no caso do Brasil e, posteriormente pelo fato de que as burguesias locais preferiram seguir o caminho

¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 1.

da construção de um capitalismo dependente, como o analisam Florestan Fernandes, Rui Mauro Marini e Theotônio dos Santos. Esta opção gerou sociedades com desenvolvimento desigual e combinado que resultou em concentração abismal de riqueza e produção ampla de miséria. Um olhar sobre as periferias ou favelas latino-americanas ou dos pequenos produtores atesta de forma clara a iniquidade desta opção. A opção por economias centradas na exportação de produtos agrícolas e na extração de minérios, por outro lado, conformaram os países latino-americanos a pouca necessidade de investimento em tecnologia de marca original.

Celso Furtado, sem dúvida, foi o economista latino-americano que mais produziu análises, ainda que mais referidas ao Brasil, sobre a especificidade de nosso desenvolvimento. Uma de suas teses centrais era de que o subdesenvolvimento não era uma etapa do desenvolvimento, mas sim uma forma específica de desenvolvimento. O rompimento desta forma societária somente se daria por forte investimento em ciência e tecnologia. Esta não foi a opção de forma geral dos países latino-americanos.

2 – José de Souza Neto: Quais as diferenças básicas em torno da discussão do papel das universidades como agente fomentador de ciências e tecnologias no Brasil e os demais países da América Latina?

Gaudêncio Frigotto: Um aspecto a ser considerado nesta questão é de que de uma forma geral todas as tentativas de forças sociais que buscaram romper com as amarras da dependência e instaurar revoluções nacionais populares foram interrompidas por duras ditaduras com apoio maior ou menor do imperialismo americano. Um dos focos de opressão em todos os casos atingiu a universidade. Algumas diferenças se estabelecem, mesmo nas ditaduras. Se compararmos a ditadura, por Argentina com a do Brasil, os efeitos sobre a sociedade e a universidade foram desastrosos. Ao contrário das forças armadas argentinas, as brasileiras tinham e tem setores nacionalistas. Não por acaso foi ao longo da ditadura empresarial militar brasileira que se expandiu a pós-graduação e se investiu, especialmente no governo Geisel, no campo da aviação. Isto, contudo, não retira da ditadura seu caráter perverso e de alinhamento ao imperialismo.

No presente o pensamento neoliberal ou neoconservador aprofunda, de forma pouco diferenciada, o caráter de dependência dos países latino-americanos. Os

poucos países que resistem ativamente como Venezuela, Equador e Bolívia são avos de resistências duras das burguesias locais e do apoio norte-americano. O Brasil, com a venda do país no governo Fernando Henrique Cardoso, explicita de forma aberta a dependência tecnológica consentida. Nada menos que o Ministro da educação por oito anos, Paulo Renato de Souza, proclamou de que a não havia necessidade de investir-se muito na universidade, pois era mais barato formar nossos quadros no exterior.

3 – José de Souza Neto: Ainda hoje se observa um determinado consenso formado em torno da ideia sobre a qual se estabelece a crítica à Universidade quanto aos desafios e perspectivas dessa ordem. Assim, quais armadilhas ideológicas agudizam-se em torno do consenso de que a universidade constitui-se como a grande produtora de desenvolvimento do país? Que críticas podem ser feitas aos modelos desenvolvimentistas latino-americanos?

Gaudêncio Frigotto: Há uma estreita relação entre o projeto societário e os processos educativos. Ora, se de forma dominante as burguesias locais optaram por projetos de capitalismo dependente a tese de que a educação é a chave do desenvolvimento fica no plano apenas retórico. Ou como já observava o educador liberal Anísio Teixeira na década de 1950 entre o que se proclamava em relação ao valor da educação e o que de fato não se fazia na realidade. No caso brasileiro isto permanece verdadeiro como de resto para a maioria dos países latino-americanos. Trata-se, pois de um consenso retórico que esconde o fato que dentro de projetos de capitalismo dependente não só não há grandes investimentos na universidade por falta de recursos, mas também porque neste ‘modelo’ não há necessidade da universidade e da generalização e mesmo da universalização da educação básica. A universidade somente terá um papel central se pensada junto com um projeto de desenvolvimento que proceda nos países latino-americanos reformas estruturais. Vemos hoje a tremenda dificuldade que enfrentam os países, como Equador, Venezuela e Bolívia, por buscarem este caminho.

4 – José de Souza Neto: Com base nessa crítica, por meio de políticas de financiamento, impõem-se novos tempos e espaços para a pesquisa e a dimensão

do papel da Universidade. Como se estabelece o vínculo entre financiamento e pesquisas nas universidades no atual estágio do capitalismo (neo)liberal?

Gaudêncio Frigotto: Deste a década de 1980 o ideário neoliberal impôs de início aos países da periferia dos centros hegemônicos do capital, políticas de ajuste. Vale dizer, de efetivar políticas de retirada de direitos das populações para garantir os lucros do capital mundializado, agora especialmente sob a hegemonia do capital financeiro. Agora este mesmo ajuste, com o nome de austeridade, atinge os países da periferia do mercado comum europeu, Grécia, Espanha, Portugal, para atingir os exemplos mais emblemáticos. Neste contexto a tendência é a privatização da universidade por vários caminhos. O mais geral é a ampliação em toda a América Latina da expansão do ensino público privado. O caso Brasileiro é neste sentido emblemático, 80% do ensino superior é privado. O outro mecanismo crescente é a cobrança de taxas diversas e de forma gradativa no ensino público. A pós-graduação *lato senso* é um exemplo, mas não só. O terceiro mecanismo é a privatização por dentro da universidade mediante as parcerias com empresas privadas. No caso brasileiro houve uma significativa transferência de recursos públicos ao negócio de ensino nas últimas décadas.

Neste contexto os recursos do orçamento da universidade são pífios para a pesquisa. O financiamento da pesquisa face normalmente por editais com uma profunda desigualdade de acesso a esses recursos entre áreas de conhecimento e regiões do país. A pós-graduação tem sido o lócus principal da produção de pesquisa que pelos professores que nela atuam quer pelas pesquisas dos mestrandos e doutorandos.

Um calcanhar de Aquiles das nações latino americanas são suas dívidas internas, mais que as externas atualmente. O caso brasileiro é neste sentido emblemático. Em 2014 o Brasil gastou 45% do seu orçamento nacional para amortizações e juros da dívida interna. O cínico é que ela em vez de diminuir, aumentou. Para em 2015 o Brasil gastará 47% do seu orçamento nacional. Isto significa que sobrem 53% do orçamento para o restante onde só a previdência gasta 22%. Por aí se tem uma ideia quês em uma auditoria, nos molde que o Equador fez, não há recursos para a ciência e tecnologia, a educação, saúde, cultura, infraestrutura etc. No caso do Equador, depois d em uma auditoria internacional viu-se

que o justo da dívida era não mais de 30% do que se cobrava. Isso permitiu ao Equador em pouco tempo dar um salto enorme em todas as áreas acima apontadas.

5 – José de Souza Neto: Ainda soma-se a isso o profundo processo de remodelação da organização do funcionamento e estrutura universitária, considerando a produtividade acadêmica. Em que medida pode se produzir ciências e tecnologias sem cair em mero produtivismo/improdutivo? Baseado em seu livro **A produtividade da escola improdutiva**, pode-se afirmar que a universidade no Brasil e nos outros países da América Latina são produtivas quanto ao papel gerencial do capital e de interesses da classe burguesa?

Gaudêncio Frigotto: Certamente a lógica do meritocrático produtivista tem como efeito uma produtividade improdutiva. Vale dizer, uma lógica que estimula a mimese mercantil ou a cópia do mesmo. O tempo mercantil é um tempo cada vez mais condensado e seus produtos cada vez mais descartáveis. O tempo da produção das teses e dissertações não se refere à complexidade dos problemas, mas ao cronômetro dos prazos. Há, neste sentido um enorme desperdício de energias e de recursos com produções precárias.

Na primeira década de 2000 o Brasil teve grande impulso na formação de novas universidades públicas, mas isto não alterou a tendência histórica de privatização e, sobretudo ao que Marilena Chauí em diferentes escritos chama atenção sobre o deslocamento da universidade concebida como instituição pública ligada ao Estado Republicano para o de organização social vinculada ao mercado. Uma universidade operacional, avaliada não mais em razão de sua função social e cultural de caráter universal, mas da particularidade das demandas do mercado. Ou seja, centrada no produtivismo.

Assim, de um modo geral, as universidades sequer são produtivas para os interesses das burguesias locais. Como afirmei acima, trata-se de burguesias que ganham associando-se de forma subordinada aos centros hegemônicos do capital. Dentro da mesma perspectiva, Francisco de Oliveira (2003) nos mostra que é a imbricação do atraso, do tradicional e do arcaico com o moderno e desenvolvido que potencializa a nossa forma específica de sociedade capitalista dependente e de nossa inserção subalterna na divisão internacional do trabalho. Mais incisivamente, os setores denominados de atrasado, improdutivo e informal, se constituem em

condição essencial do núcleo integrado ao capitalismo orgânico mundial. Assim, a persistência da economia de sobrevivência nas cidades, uma ampliação ou inchaço do setor terciário ou da 'altíssima informalidade' com alta exploração de mão-de-obra de baixo custo são funcionais à elevada acumulação capitalista, ao patrimonialismo e à concentração de propriedade e de renda.

O resultado disto é a produção de sociedades que Francisco de Oliveira as define com a imagem do ornitorrinco para expressar suas impossibilidades de construir projetos societários de novo tipo. Para Oliveira, a imagem do ornitorrinco faz a síntese emblemática das mediações do tecido estrutural de nosso subdesenvolvimento e a associação subordinada da classe burguesa brasileira aos centros hegemônicos do capitalismo e os impasses a que fomos sendo conduzidos no presente. Uma particularidade estrutural de nossa formação econômica, social, política e cultural, que nos transforma num monstro social.

As relações de poder e de classe que foram sendo construídas no Brasil, observa Oliveira, permitiram apenas parcial e precariamente a vigência do modo de regulação fordista tanto no plano tecnológico quanto no plano social. Da mesma forma ocorre, no presente, com a mudança científica e técnica, de natureza digital molecular, que imprime uma grande velocidade à competição e à obsolescência dos conhecimentos. Isto, destaca Oliveira, torna nossa tradição da cópia ainda mais inútil. Uma sociedade, portanto, que na divisão internacional do trabalho dominam as atividades ligadas ao trabalho simples de baixo valor agregado.

6 – José de Souza Neto: Do atual estágio conjuntural e estrutural na contemporaneidade das Universidades brasileiras e da América Latina, de um capital em crise, do ressurgimento das forças ultraconservadoras da classe capitalista, caberiam problematizações da seguinte ordem: Seria possível apreender quais são os antagonismos sociais e políticos emergem nesse cenário? De que forma, esses antagonismos explicitam as lutas de classes que medeiam o fazer institucional das universidades brasileiras? Existem, no atual estágio, novas correlações forças na dinâmica da classe trabalhadora para elevar o ensino superior, a ciência e a tecnologia a contribuam para ações efetivas para superação das contradições do capital?

Gaudêncio Frigotto: O cenário latino-americano pauta-se no presente por tendências cada vez mais conservadoras alimentadas pela mídia empresaria. Em alguns casos com a estimulação ao ódio e a posturas fascistas. Tal é o caso da atitude da oposição na Venezuela e no Equador e, a partir das eleições de 2014, no Brasil. No caso brasileiro nem na ditadura tal sentimento aflorou desta forma. Um exemplo emblemático no caso do Brasil e PL 867/2015 - escola sem partido – do Deputado Izalci Lucas (PSDB/DF e que tramita na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados já com parecer favorável do relator, o Deputado Diego Garcia (PHS/PR). Trata-se de uma espécie de lei da mordaza aos professores em todos os níveis de ensino.

Em todos os cenários o antagonismo mais visível que se gesta é o ódio aos pobres e suas pequenas conquistas. Neste contexto a correlação de forças entre capital e trabalho é desigual. O que se poderia dizer em relação maior parte dos países da América Latina hoje é o que Leandro Konder assinalou para a direita brasileira na sua volta de exílio em 1979.

O pluralismo da direita pressupõe uma **unidade substancial, profunda, inabalável:** (grifos meus) *todas as correntes conservadoras, religiosas ou leigas, otimistas ou pessimistas, metafísicas ou sociológicas, moralistas ou cínicas, cientificismo ou místicas, concordam em um determinado ponto essencial. Isto é: impedir que as massas populares se organizem, reivindiquem, façam política e criem uma verdadeira democracia.* (LEANDRO KONDER. A unidade da direita. **Jornal da República**, 20 set. 1979, São Paulo, p. 4).

No contexto da ideologia neoliberal cujo fulcro mais fundamental é a tese de que não há alternativa senão do capitalismo, esta unidade da direita se amplia. Mas a história não é uma linha reta. Como bem lembro Eduardo Galena, que marcou gerações com sua obra – **Veias abertas da América Latina** – a história é como uma velha senhora, cheia de segredos e de manhas, por vezes ela apronta. Há em toda a América Latina movimentos populares, frações de sindicatos e partidos políticos que buscam renascer das cinzas e construir sociedades de novo tipo. Parte destes movimentos mantém no horizonte a luta pelo socialismo, a meu ver fundamental para o destino da humanidade. Mas para chegarmos a isso há muitas montanhas a galgar. Neste processo o campo de esquerda do Brasil e da América Latina tem um enorme desafio para que o ovo de serpente não ganhe espaço

aberto. Não só por uma questão política, mas, sobretudo ética, as esquerda tem que definir o que lutas lhe demandam uma unidade substancial, profunda e inabalável.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2015.

Correspondência:

José de Souza Neto. Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Campus Universitário de Sinop, Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: jsnetoon@hotmail.com

Gaudêncio Frigotto. Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gfrigotto@globocom

Recebido em: 14 de março de 2016.

Aprovado em: 04 de abril de 2016.